



**SUA ALTEZA IMPERIAL A PRINCEZA D. MARIA AMELIA.**

Nascendo vin a luz serena e pura;  
Raiar a viu... esvaecer-se logo.

MACEDO.

Um amigo de Cicero, procurando consolal-o na morte de sua filha, escrevia-lhe estas palavras: « No meu

regresso da Asia, quando, ao sair d'Egina para Megara, lançando os olhos sobre os objectos que estavam em torno de mim, vi Egina em face, Megara da parte opposta, á minha direita o Pyreu, do outro lado Coryntho, confesso que, no meio d'estas reliquias da grandeza de cidades tão famosas e po-

VOL. II. — 3.<sup>a</sup> SERIE.

JUNHO 11, 1853

C. M. L.  
GARRAGE  
DE L... OS  
OLISEPO



pulosissimas, mal podia eu acreditar que houvesse quem se quebrantasse, e perdesse o animo com a morte de uma menina. » Estas reflexões porém, por mais justas e philosophicas que pareçam, não consolaram o pae de Tullia, porque ha dôres em que não tem poder a razão, e lagrimas que se não podem suspender, nem reprimir. Assim o dizia ha annos um moralista francez sensivelmente tocado de uma desgraça privada como a que soffreu o pae da eloquencia latina, e assim o podemos dizer hoje profundamente commovidos de outro infortunio semelhante que, nos corações portuguezes, tomou a figura de uma calamidade publica; e, para que n'este periodico, especialmente destinado a mencionar noticias interessantes com relação ao nosso paiz, se faça a devida commemoração de uma vida que, bem que tão curta, n'elle deixou tamanha saudade, publicamos o seguinte artigo biographico, composto pelo auctor de outros que appareceram em differentes jornaes sobre o mesmo assumpto.

A princeza D. Maria Amelia, unico fructo do segundo matrimonio do imperador do Brazil D. Pedro I, e IV na serie dos reis de Portugal, com a princeza D. Amella de Leuchtenberg, nasceu em Paris no 1.º de dezembro de 1831, anniversario da entrada do nosso rei D. Affonso V n'aquella cõrte em 1476, e da exaltação da augusta casa de Bragança ao throno de Portugal em 1640. Baptisada poucas horas depois de entrar no mundo, em presença de um grande numero de personagens convidados para, n'aquella cõrte estrangeira, serem testemunhas do seu nascimento, recebeu ella, poucos dias depois, os santos oleos na capella real das Tulherias, tendo por padrinho o rei dos francezes Luiz Filippe, e por madrinha a rainha Maria Amelia, sua esposa, de quem a nossa princeza tomou o nome. Passados alguns dias, partiu seu augusto pae para a ilha Terceira onde, a instancias da regencia que ali estabelecêra, tomou as redeas do governo em nome da rainha sua excelsa filha, e o commando em chefe da tropa reunida n'aquelle ponto de partida da expedição á frente da qual se dirigiu para este reino.

Tinha a princeza D. Maria Amelia apenas um anno e quasi oito mezes de idade, quando, depois do feliz exito que tiveram os esforços de seu glorioso pae, passou, com suas augustas mãe e irmã mais velha, a Lisboa a cujas praias aportaram em 22 de setembro de 1833, um anno e dous dias antes da morte d'aquelle magnanimo principe cuja nobre e expressiva physionomia ficou impressa na sua memoria com caracteres indeleveis.

Passando a princeza, depois de seis annos completos, com a imperatriz sua mãe, á cõrte de Baviera, onde, desde 1838 até 1850, se demorou, em companhia de sua alteza real a senhora duqueza de Leuchtenberg, sua avó materna, por espaço de mais de seis annos, ali começou a desenvolver-se a sua excellente indole, e um talento transcendente, que sua magestade imperial não tardou em aproveitar por meio de uma educação e instrucção dadas com o mais refinado esmero, seguindo a imperatriz, que foi a sua primeira mestra: um justo meio entre o sobejomimo, e a extrema severidade, que igualmente indocilizam os genios e as indoles da mocidade. A desvellada mãe, penetrada da maxima ciceroniana, tão inculcada a todas as mães pelo sabio e actual bispo de Orleans, que a educação faz tudo, começou, ajudada de uma dama que a tinha educado, por aperfeiçoar o entendimento e dirigir a vontade de sua querida filha, a quem ensinou os rudimentos da fé, e deu as primeiras noções das linguas portugueza, franceza e allemã, exercitando-a muito n'este idio-

ma uma excellente criada que a serviu desde que nasceu e a quem ella teve a maior e mais constante affeição. O doutor Frederico Kunstmann, hoje lente de theologia da universidade, e socio da academia real das sciencias de Munich, instruiu cabalmente a princeza nos mysterios da religião, dando-lhe depois successivamente noções elementares de grammatica, rhetorica, philosophia racional e moral, litteratura allemã, geographia e historia universal, estudo este em que a princeza fez grandes progressos pela boa memoria e feliz retentiva, que coube em sorte aos principes da casa de Bragança, tendo tão impressas n'alma as taboas chronologicas de Romig, que, por vezes, como em duas occasiões presencéamos, notou e corregiu anachronismos em datas de successos pouco notaveis da idade media. De mr. Everill aprendeu sua alteza imperial a lingua ingleza, em que fallava e escrevia com facilidade e perfeição; rematando a instrucção scientifica que recebeu em Allemanha com o curso completo de sciencias physico-mathematicas que seguiu, e, por sua vontade, repetiu, sob a direcção do doutor Sieber, um dos mais distintos professores d'aquellas disciplinas; dando uma brilhante prova do seu aproveitamento n'este estudo em um exame que fez no gabinete de physica da universidade de Munich, sendo, ao que crêmos, a primeira pessoa da sua alta jerarchia e do seu sexo, que fez uma tão solemne provança de sciencia. Tomando, tambem a esse tempo, muito gosto pela astronomia, e dando-se a esta applicação por espaço de alguns mezes, houve quem lhe observasse que fõra pena que os astros não fallassem ao coração de um celebre astronomico moderno; ao que a princeza tornou com a juvenil viveza e agudeza do seu espirito: «O céu não foi mudo, Lalande é que foi surdo.» Dito engraçado e terminante contra a presumpção atrevida e tresloucada dos mal chamados *espíritos fortes*, que não lêem no céu coalhado de astros o poder e saber de um Deus Supremo, que os fez do nada, e com seu dedo os rege. A outros muitos estudos se dedicou a princeza D. Maria Amelia, e em todos mostrou o maior talento. Nas artes liberaes, como a musica, para a qual tinha uma vocação especial e hereditaria, e a pintura, em que fez algumas obras que honrariam um artista consummado, achava sua alteza imperial um divertimento nas horas que lhe perdoavam as outras lições; e cultivada assim aquella tenra e viçosa planta, não é de espantar que fosse o objecto de admiração nas cõrtes de Baviera, Inglaterra, Russia, Saxonia e Suecia, por onde, em differentes annos, percorreu em companhia de sua virtuosa mãe, e onde attrahiu a si os animos dos augustos parentes e aliados da sua familia, que teve occasião de encontrar n'estas viagens, das quaes tambem tirou grande proveito o seu espirito. Na ultima que a nossa princeza fez voltando, no fim do verão de 1850, da Allemanha a Portugal (para onde ella sempre tornava contente) vimos nós, no barco movido por vapor que a conduzia pelo Rbeno, um velho inglez maravilhado dos conhecimentos topographicos e historicos que a joven princeza, conversando com uma dama, mostrava ter dos sitios e monumentos que bordam as lindas e tão povoadas margens d'aquelle grande rio.

Logo depois d'aquelle regresso, deu a imperatriz á princeza sua filha por mestre de historia e litteratura portugueza, o sabio, e em tudo digno conselheiro Francisco Freire de Carvalho, que, a medida que ia instruindo sua augusta discipula na linguagem litteraria e nos annaes da sua patria, admirava a grande comprehensão e agudeza de entendimento com que sua alteza imperial apreciava os factos nar-



rados pelos nossos historiadores, e as bellezas dos nossos auctores classicos, tanto em prosa como em verso.

No meio d'estes trabalhos, que continuaram pelo decurso de quasi um anno, gosava a princeza uma saude vigorosa: não tardou porém muito tempo que, como muitas vezes succede, viessem tomar-nos as magoas, quando estavamos mais assegurados d'ellas. No principio do outomno de 1851 foi sua alteza imperial, estando no sitio de Caxias, onde, em todos os annos sua augusta mãe e ella iam fazer uso dos banhos de mar, accommettida de uma febre intermittente, que a deixou muito abatida, mas de que ficou inteiramente livre. Mezes depois, quando uma irrupção de molestias graves, de que foram victimas muitas pessoas, começou a manifestar-se com grande impeto na vizinhança do paço das Janellas Verdes, foi a princeza atacada de uma febre escarlatina com violenta inflammação de garganta; mas, graças ao modo porque foi tratada, a molestia cedeu, e com ella desapareceram tambem os nossos cuidados.

Algum tempo decorrido, sentiu sua alteza imperial, primeiro em casa, e depois n'um passeio que deu ao jardim do paço das Necessidades, um resfriamento, que foi a origem primeira da fatal enfermidade que lhe arrancou a alma do corpo. Era isto no principio da primavera aspera e desabrida do anno passado, a qual obstou a que a augusta doente passasse logo, como os facultativos assistentes recomendavam, a mudar de ares. Aquella circumstancia, e a de não poder achar-se, no sitio que os mesmos facultativos tinham indicado, uma casa com os commodos necessarios, fez que, só no meado de maio, a cuidadosa mãe com a chara filha pudesse ir habitar uma casa de campo, que delicadamente lhe foi offerecida pelo proprietario, no calhariz de Bemfica, onde a sciencia debalde tentou todos os meios para debellar a molestia, que a tudo resistia, e que, em 2 de julho, chegou a tal ponto de gravidade, que a piedosa princeza, conhecendo o eminente perigo de vida em que se achava, pediu com ancia e recebeu com a maior edificação os Sacramentos da Igreja, que na tarde d'aquelle mesmo dia lhe foram administrados em presença de suas magestades a rainha, el-rei, e a imperatriz, cujos medicos, junto com outros, tambem mui habéis, que n'essa mesma tarde foram convocados, e que se reuniram em conferencia na manhã do seguinte dia, decidiram que a enfermidade tinha tomado um caracter mui grave, não discrepando de parecer quanto ao methodo curativo que os assistentes tinham adoptado, e convindo todos na conveniencia de ir a princeza, com a possível brevidade, respirar os ares beneficos da ilha da Madeira, para onde sua magestade e alteza imperiaes apenas puderam partir em fins de agosto.

Desalentada e saudosa da terra e das pessoas da sua familia que deixava, e que não contava tornar a vêr, ficou a augusta doente, por effeito d'este apartamento, e do inevitavel encommodo da viagem, bem que breve e felizmente concluida, tão sobre modo affectada e desfallecida de forças, que á sua chegada ao Funchal, na tarde de 29 de agosto, não poudeser correr com os olhos a belleza encantadora que, como se do meio das ondas fosse surgindo, presenta a *flôr do oceano*. Não tendo por isto logar o recebimento apparatuso que ás augustas hospedas pertencia, foram ellas todavia acolhidas de uma maneira tão portuguezmente cordeal e obsequiosa pelos habitantes, que vendo-se em todos um bem-querer que auspiciava o restabelecimento da interessante princeza, não se lia n'um só semblante a consternação geral causada pela ruina do importante ramo de industria d'aquella ilha. Saíndo a mesma senhora em

terra, no dia 30 de agosto, em que poudeser admirar o formoso painel variado de montes, valles, rochedos e picos, povoações e quintas, que a natureza alindou com arvores, arbustos e plantas de todas as partes do mundo, pareceu reanimada e entretida com aquella scena inteiramente nova para ella, e que lhe offerecia dôces attractivos pelo estudo a que se tinha dado da botanica; e sendo conduzida em cadeirinha, por entre duas alas de gente apinhada para contemplar os primeiros membros da familia dos nossos reis ali aportados, foi a affavel e sympathisante princeza, com a polidez e delicadeza que tanto a distinguia, cortejando risonhamente a todos. Este continuo movimento de cabeça durante o transito não deixou de encommodal-a pela impressão que lhe fez no larynge, que estava muito affectado. Desde então pôde dizer-se que a molestia, com mui poucas e mui pequenas paradas, foi rebelde aos remedios e á doçura e regularidade do clima, correndo de galope.

Ainda cinco mezes esteve a morte embebendo a fatal sétta no arco, para desferir o tiro com mais vehemencia, e o empregar com maior golpe.

A contar dos primeiros dias de janeiro d'este anno, manifestaram-se symptomas aterradores no estado da princeza, que, para preparar sua extremosa mãe para este golpe lhe disse com a maior serenidade: "Parce-me que está chegado o principio do meu fim;" e procurando a imperatriz consolal-a, tornou-lhe a princeza com a mesma paz de espirito: "Disponha Deus de mim e da minha vida o que fór servido, pois que só Elle sabe o que me é mais conveniente." Tal era a sua derradeira segurança! Tranquilla e impavida em presença d'este duello da vida com a morte, e á vista da mais pavorosa de todas as scenas, deu, no meio de tudo isto, sua alteza imperial as mais altas provas da sua religião, piedade e devoção, da penetração, clareza e certeza do seu entendimento, da direitura, firmeza e lizura do seu caracter, da candura, simplicidade e desaffectedação do seu genio, do seu filial e fraternal amor, e constante affecto a todas as pessoas da sua augusta familia, não morrendo nunca no seu coração os mortos, e da sua excessiva e reconhecida benevolencia para com todas as pessoas que lhe tinham prestado algum serviço, bem como da sua ardente caridade com os pobres. Para logo chamou o seu confessor, e com fé viva, muniu-se devota e exemplarmente dos Sacramentos; escrevendo, com mão tremula, por despedida, aos seus augustos parentes, e fazendo uma lista das pessoas que particularmente honrava com a sua estimação, a cada uma das quaes legou uma prenda, para lembrança: declarando tambem, e com toda a força do seu coração, o desejo que tinha de que os seus restos mortaes fossem depositados junto aos de seu grande pae.

Davam os sinos do Funchal meia noute a 4 de fevereiro, quando a princeza, sentindo-se nos ultimos paroxismos da vida, chamou o seu confessor, a quem pediu com accesos suspiros que dissesse missa no seu quarto, e lhe dêsse o Pão dos Anjos, e o oleo symbolo de incorruptibilidade.

Pouco depois de concluidos estes actos religiosos, entrou a princeza na agonia da morte; e nos intervallos das preces, feitas junto ao seu leito de dôr, pedia ella a Deus, sem impaciencia, mas com palavras ditas com submissão, que puzesse termo aos seus padecimentos; virando-se, de quando em quando, com um sorriso ternamente angustiado para a mãe afflicta e attribulada, á qual, com expressões affectuosas, em quanto poudeser fallar, e depois com gestos de meigo e carinhoso afago, procurava consolar, e agradecer n'esta hora suprema vinte e um an-



nos de desvellos e perpetuos cuidados. E, assim como o archote quasi apagado, girando-o e volteando-o se reaccende, da mesma sorte a moribunda princeza, estimulada e incitada das ancias e angustias, teve, pouco antes de exhalar a vida, uma apparencia de melhora, que levantou, por um instante, a esperanza da imperatriz provada em tantas e tamanhas vicissitudes da fortuna. Era a visita da saude... e pouco depois a angelica princeza caíu docemente no lethargo da morte, no mesmo dia em que duzentos e setenta annos antes a nossa, tambem bella e boa, infanta D. Isabel, filha do venturoso rei D. Manuel, e esposa do imperador Carlos V, occupou o primeiro logar no Pantheon de S. Lourenço do Escorial.

Logo todos os assistentes dobraram os joelhos; e o ministro da religião, o qual até ali orára e exorára ao Medico Eterno a conservação de uma existencia tão curta, e tão geral e anciosamente anhelada, eleva então, n'um responso, envolto em saudosas lagrimas, ao *Rei para Quem tudo vive* as primeiras deprecações pelo descanso eterno da princeza, que vóam com a sua alma gentil á presença da Divindade.

Passava-se esta tocante e terrivel scena, presencada de poucos (e que, se fôra publica, poderia servir de exhortação e exemplo edificante a todos) n'um sitio sobranceiro ao Funchal, que da devota invocação da capella do paço da imperatriz tomou o nome fatidico das *Angustias*: e ás quatro horas da madrugada, em que a princeza desapareceu d'entre os vivos apparecia, entre nuvens, a lua minguate, descobrindo com a sua tibia claridade as ilhas Desertas, o oceano, e um cemiterio visinho ao mesmo paço, como se o astro da noute quizer annunciá-lo ao povo despertado, que se erguia para supportar o peso do dia e do trabalho, o cruelissimo tormento de uma mãe collocada no mais alto estado, e que, depois de uma Iliada de males, se via condemnada á maior soledade e amargura pela falta de sua unica e adorada filha, a quem se pódem applicar estes versos dôces e ternos de Malherbe:

Elle était de ce monde où les plus belles choses  
Ont le pire destin:  
Et, rose, elle a vécu ce qui vivent les roses,  
L'espace d'un matin.

MARQUEZ DE REZENDE.

## ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

### CAPITULO XVII.

*Emprazamento.*

Em quanto o sileno monacal ressona no cubiculo para onde Fr. Munio o mandou levar; e o triste D. Zuleima bate com a cabeça nos ladrilhos da torre; deixando-os concluir o somno, voltemos á hermidia, na qual Gomes Lourenço, acalmado um pouco o desespero, reza com fervor sobre a sepultura de seu pae.

Martim Paes, acabando de escorrer da bolsa do judeu a ultima moeda, subiu á sala d'armas, e annunciou a D. Nuno a chuva de ouro, com que a providencia lhes acudia.

— «Agora que venham quando quizerem,» concluiu o altivo senhor de Lanhoso.

— «De Portugal a Castella não é longe,» respondeu D. Nuno.

— «Temos ferro para uns, e ouro para os outros.»

— «E tecto que nos cubra, e escravos e solarengos, que nos sirvam, em toda a parte se acham.»

— «Comprido será o braço de D. Affonso o leprozo para chegar aonde eu vou,» acudiu com uma risada o cavalleiro.

N'aquella epocha a lepra era a mais horrorosa enfermidade; porque aos padecimentos physicos unia a excommunhão social, que de toda a parte sequestrava o infeliz, pezando sobre elle o braço vingador de Deus. D. Martim, valido de Sancho I, e por isso profundamente odiado do novo monarcha, alludindo a ella, aviltava o rei, e feria-o na face com o interdicto religioso e civil. A religião quasi que não tinha consolações para o leprozo. O mundo murava-o em recinto solitario, e afastava-se com terror. Rei, Affonso II não provou de toda a amargura d'este castigo, mas em mais de uma occasião descobriu o tedio e o desprezo, sob as apparencias de amizade, dos seus cavalleiros. Demais, nascida no reinado de seu avô, e educada na escola guerreira de seu pae, a nobreza de Portugal soffria de má vontade um principe, que em vez de herdar as virtudes militares, era accusado de fugir da lança e da espada, em um seculo que só aos fortes respeitava.

Os ricos-homens enganaram-se com tudo, julgando que as redeas do governo fluctuariam nas suas mãos. A fraqueza, que o desviava dos campos de batalha, não quebrou o nervo d'aço do seu character. Ninguem foi mais cioso dos direitos reaes, nem mais resolutos em os manter.

Pegando na taça duas vezes cheia do sangue aborrecido do seu adversario, Martim Paes antes de a pôr á boca tremia de prazer. Era o mais nobre dos Viegas; era o amigo de Affonso II; dous odios decepados pelo mesmo golpe. Um crepe negro ondeava porém diante d'esta alegria. O que ia praticar não tinha justificação nem no exemplo dos crimes, nem na ferocidade das vinganças do seu tempo; não podia explicar-se pelas regras de grosseira, mas singela lealdade, que de algum modo as dirigia. Rei, clero, damas, e cavalleiros, toda a gente enfim havia de levantar-se e amaldiçoá-lo como traidor; sacial-o de opprobrio como vil, e arrastal-o no lodo da infamia como verdugo.

Para sair d'esta posição bastava uma palavra; mas para que os labios a dissessem era necessario que não palpitasse no seu peito um coração nutrido de odios encanecidos, e fevra a fevra tecido com os espinhos da vingança. Tinha animo para tudo, menos para viver em quanto respirasse na terra o cavalleiro, que o humilhára debaixo do joelho, e com o punhal sobre a garganta lhe arrancára um grito de covardia, depois do qual forçosamente tinha de emudecer para sempre o vencedor.

A esta idéa associava-se a da injuria de sua irmã. Por causa d'elle perdéra D. Maria a honra de uma casa nobre, chegando á necessidade dolorosa de ser obrigada a esconder o nome com vergonha. A sepultura do cavalleiro de Salzedas era a sepultura da reputação da mulher, e da gloria do solar. Assassinando o seu inimigo assassinava juntamente com elle a esperanza e o futuro da sua casa. O golpe de cutello, cortava-lhe os laços da patria, do sangue e da familia.

Movido por estas reflexões encontradas, D. Martim no recanto da sala fallou por muito tempo com D. Nuno. A cabeça quasi calva do cavalleiro idoso meneiava-se a compasso em signal de assentimento, do mesmo modo que a do mandarim de porcellana



se balança com solemnidade inteirissima. Finda a conferencia o senhor de Lanhoso subiu ao aposento de sua irmã; e o alcaide de Santa Olaia desceu ao oratorio de Gomes Lourenço.

D. Nuno aproximou-se, e fez quanto humanamente podia para tomar um gesto aprazível e maneiras conciliadoras; mas o riso e o agrado eram visagens n'aquella amavel physionomia. Deus não lhe concedera senão um pouco mais do que liberalisa em chiste e elegancia aos moradores das selvas vulgarmente chamados *monos*.

O moço alferes ergueu-se. A sua vista recta e penetrante interrogava e opprimia ao mesmo tempo. D. Nuno abaixou os olhos.

— «Sabeis a que vim aqui?» disse o emissario com algum tremor na voz.

— «Ainda o não dissestes,» respondeu o mancebo de um modo secco.

— «Para te salvar!» acudiu D. Nuno com explosão de cordialidade, detestavelmente representada.

Proferiu estas palavras pouco mais ou menos com a verdade *artística* do orador sentimental, que se esbofetea na tribuna, chorando a sorte da nação que não ha de sobreviver á queda d'elle. D. Nuno era o perfeito fac-simile de taes tartufos por Dantan Junior modelados com um gancho na lingua, um lago de peixes aos pés, e um par de azas de morcego ás costas.

Gomes Lourenço commentou a famosa declaração com um monosyllabo.

Era, o ora! ou a risada secca, que tantas vezes engasga a rhetorica dos Demosthenes Polichinellos.

— «Ah!» exclamou com inexplicavel ironia.

O alcaide punha e tirava os pés, coçava o nariz, beliscava a orelha, e mostrava estar muito pouco á sua vontade. Achava-se litteralmente empalado na sua embaixada.

Um pedaço estiveram a olhar um para o outro. Gomes Lourenço com a pungente irrisão de quem percebe um embuste; D. Nuno com o fucinho contristado do gato que perdeu o salto.

— «Com que viestes a salvar-me?» disse o mancebo carregando em cada palavra. «Grande caso de consciencia! Então o que temos?»

O cavalleiro velho respirou. Não sabia como havia de principiar. Abriam-lhe aquella meia porta, e metteu-se por ella abençoando a sua estrella.

— «É verdade; venho salvar-te, mancebo; trata-se,» pegou-se-lhe outra vez a lingua, «trata-se...»

— «De traição, ou de infamia? É o que está dizendo a escolha do embaixador.»

O alcaide estacou. Tinham sido entendidas as suas instrucções secretas, e a honestidade do seu character completamente reconhecida. Deviam seguir-se as explicações prévias.

D. Nuno porém detestava o charco immundo das recriminações pessoaes, como se diz em linguagem politica; e redarguia com a dignidade do silencio. Isto é não se atrevia a abrir a bôca e a desmentil-o.

— «Vamos á mensagem,» disse Gomes Lourenço.

— «Acceita a mão de Maria Paes, e dá-lhe o teu nome em paga da sua honra,» continuou o alcaide. Recusaste ha pouco; foi a cholera e não a razão. Acceita que fazes bem.»

— «Está perto D. Egas, meu irmão?» Perguntou o mancebo sorrindo.

— «Se estivesse, a tua cabeça no alto das ameias avisal-o-ia de que chegava tarde,» atalhou D. Nuno d'esta vez com plena sinceridade.

— «Bem! Continuae.»

— «Se consentes acabamos tudo com um noivado.»

— «Tudo?»

O alcaide acenou que sim.

— «E se eu recusar?»

— «Então a culpa será tua. Darás a Deus a conta do sangue que se derramar.»

— «Estaes em valimento com Deus, D. Nuno! Fallaes como mestre e juiz na côrte do céu! Ouvi, honrado alcaide. Tens sessenta e nove annos, um pé na cova...»

O cavalleiro velho reconheceu com um gesto a primeira verdade; e com a mais lacrimosa momice a segunda.

— «Por alguma vez o ouvir dizer em tão larga vida, sabes o que é brio e dever de cavalleiro?...»

A pergunta era feita com a igualdade de voz e a serenidade de animo propria para tirar á injuria o sabor de cholera. Vinha do mais intimo convencimento. O velho alcaide deu um pulo, mordendo os beiços com tal raiva, que o sangue espirrou por elles.

— «Gomes Lourenço!» bramiu com ira.

— «Se o ouviste dizer,» proseguiu sem se alterar o moço alferes, «para que vens fazer-me tal proposta?»

— «Recusas?»

— «Nem te quero ouvir mais.»

— «Olha bem, mancebo,» atalhou o plenipotenciario, prerompndo em tom de elegia, «olha o que fazes. É tentar a Deus.»

— «Déste em beata ou em theologo, D. Nuno?...»

— «Não gracejes com a morte!»

— «Sabes ha quantos annos existe a casa de Salzedas?»

— «Sei; mas escuta...»

— «Pois bem, não houve nunca traidor n'ella. Nega se podes! O sangue do espadeiro não se mistura com o dos covardes de Lanhoso. Os Viegas não estão costumados a receber a infamia em arrhas, e a vergonha por esposa.»

— «Demos todos um passo atraz, Gomes Lourenço. Dize uma palavra; abracemo-nos...»

— «Livre não a dizia; prezo e com a cabeça de baixo do cutello... menos! Os Viegas, D. Nuno, nunca pedem, ou compram mercê.»

— «Então estás resolvido?...»

— «A morrer.»

— «E fazes bem,» bradou Martim Paes de fóra. Entrando cerrou com força a porta, detraz da qual tinha escutado.

— «Fazes bem. Havia um noivado ali,» e apontou para o altar, «mas as nupcias consummavam-se aqui,» e concluiu mostrando o cepo e o cutello.

— «Es irmão de Maria Paes... verdadeiro irmão,» respondeu com desprezo o cavalleiro de Salzedas.

— «Sou. Dou-te meia hora para te compores com Deus.»

«*Judica me Deus et discerne causam meam...*»

Rezaram perto d'elles com unção. No escuro não se descubria o corpo, mas era a conhecida voz de Fr. Munio.

— «Quem se atreve a cantar latim de enterro quando eu fallo?» exclamou D. Martim irado.

«*A gente non sancta et ab homine iniquo et doloso erue me.*»

Acabou o monge. Depois sem acrescentar mais nada, triste e silencioso, passando diante de todos como a sombra do remorso, desapareceu.

— «Estes monges!... Eu hei de acabar com esta raça,» rosou D. Nuno.

(Continúa.)



ORIGINALIDADE DA NAVEGAÇÃO DO OCEANO ATLANTICO SEPTENTRIONAL, E DO DESCOBRIMENTO DE SUAS ILHAS PELOS PORTUGUEZES NO SECULO XV.

## II.

PELO estudo comparado da cosmographia e geographia da idade media, desde a queda do imperio do occidente no 5.º seculo, até aos grandes descobrimentos maritimos dos portuguezes no 15.º, é facil vêr, que uma e outra, n'este importante lapso de dez seculos, só viveram das tradições de tempos mais remotos. Hemos de provar que a sciencia permaneceu no pé a que fôra levada pelos antigos cultores, cujas obras nem sempre eram cabalmente entendidas. Por ordem chronologica, não pouparemos nenhum testemunho que respeite á idéa cosmica do globo, ou á descripção e representação graphica do mundo então conhecido. N'esta parte do nosso trabalho beberemos em mais uma nova fonte de argumentação, a cartographia original. Se as cartas, que pretendem dar relevo aos systemas dos antigos, não são contemporaneas, mas sim obra moderna, e processo de sciencia incomparavelmente mais adiantada; não succede assim ás cartas originaes da idade media, integra e fiel expressão dos conhecimentos geographicos da epocha. Tudo ha de concorrer a concluirnos, como na nossa primeira parte, que n'este segundo periodo de dez seculos, o alto oceano Atlantico continuou a ser desconhecido; que proseguiram falsas e erradas noções sobre sua verdadeira situação, extensão, possibilidade de ser navegavel, e terras que n'elle havia; e que não era navegado para o occidente além das praias do velho mundo, antes das navegações portuguezas, que datam de princípios do seculo 15.º

Confessamos com animo agradecido, que n'esta parte nos foram grandes auxiliares os importantes trabalhos sobre geographia e cartographia do nosso infatigavel compatriota o sr. visconde de Santarem. As suas valiosas e authenticas collecções devemos muita economia e supprimento de investigações originaes; sempre custosas, quando não inúteis ou de pouco fructo, em terra onde, como em Portugal, as raridades bibliographicas são tão difficeis de encontrar, senão de todo desconhecidas.

Começaremos por Philostorgo, auctor do 5.º seculo, que escreveu uma historia ecclesiastica, com muitas descripções geographicas, de que Photio nos conservou extractos, que Henrique de Valois publicou em 1673 em sequencia a Eusebio, e de que Godofroy fez edição á parte em Genova em 1843.

Philostorgo não desdiz dos conhecimentos geographicos do seu tempo, nem alcança mais do que seus contemporaneos. Desconhece a Asia oriental além do Ganges, e Africa além da equinoxial. Nas partes do mundo até então desconhecido, semêa, como era costume do tempo, grandissimos dragões com pés de leão, satyros, sphynxes, cynocephalos, e todo o cortejo dos monstros da mythologia grega. Seguindo a theoria homerica do oceano circumdando toda a terra, prova-nos que não tinha idéa distincta do mar Atlantico, o que inda se torna mais evidente pela sua theoria das zonas, e pelo que diz a respeito da torrida, ou intertropical, que capitula de inhabitavel, por causa dos ardores do sol. Philostorgo falla de muitos reinos e cidades principaes da Europa; mas das ilhas do Atlantico só menciona Inglaterra, *Albionis insula*, que por sua natural posição e proximidade da terra firme, quasi como continuação do continente, fôra mais ou menos conhecida desde a antiguidade.

Do 6.º seculo são Jornandes, Cosmas, e Prisciano.

Jornandes, bispo de Ravenna, começa a sua historia dos Godos pela descripção da terra conforme Orosio. Divide-a, como os geographos precedentes, em tres partes, Europa, Asia e Africa, em meio de um oceano circumdante. Na latitude do mar Atlantico (nome que nunca emprega, mas sempre o termo geral de oceano) só menciona as ilhas Afortunadas, e no mar septentrional, as Orcades, Thylé e Inglaterra. Além d'esta ultima, e das Orcades, Jornandes nada conhece positivamente de terras atlanticas, o que é tanto mais evidente, quanto ainda confessa que se não conheciam limites ao oceano, que era innavegavel por sua pouca profundidade e lodo.

Cosmas, como alguns têm pensado (Schoell, *Hist. de la Litt. Grec.*—Fabricio, *Bibl. Græc.*) não é nome proprio do viajante escriptor do 6.º seculo, mas sobrenome, pelo qual quizeram alludir a seus trabalhos cosmologicos. Seja porém como fôr, Cosmas (que ainda cognominavam *Indicopleustes*, depois da sua viagem á India e Ethiopia) foi a principio negociante, e depois monge, morrendo no anno 550. No anno 535 tinha escripto a sua *Topographia Christiana*, dividida em doze livros, com o fim de se contrapor á cosmographia gentilica, e refutar a esphericidade da terra, seguindo os systemas dos padres da Igreja. Empreheendeu tambem explicar todos os phenomenos do céu, accordando-os com as Escripturas; e demonstrar que a theoria de Ptolomeu era impia. Não obstante os erros disparatados que a sciencia tem posteriormente descoberto na obra de Cosmas, é este olhado na idade media como o mais importante cosmographo, e como thesouro dos conhecimentos do seu tempo derivados da mescla de doutrinas indicas, chaldaicas, gregas e dos padres da Igreja. No systema geographico de Cosmas a terra é reputada superficie plana, em fôrma rectangular, cujos lados maiores medem o dobro dos menores. Circumda-a por todos os lados o oceano, além do qual, e fôra da primeira terra habitada figura outra cingida e fechada de muros perpendiculares, e a que dá nome de *Paraiso terreal*. Por cima d'elle escreve em grego o que Montfaucon traduz por *Terra ultra Oceanum, ubi ante diluvium habitabant homines*. Segundo Cosmas só se podia navegar nos quatro golphos, ou mares interiores nascidos do oceano, a saber: o Mediterraneo, o Arabico (*Romanus sinus*), o Persico (*Arabicus sinus*), e o mar Caspio (*Caspium mare*). Fôra d'estes a navegação não se suppunha possivel, especialmente no oceano, «por causa da frequencia das tempestades, e trévas espessas que obscurecem os raios do sol; e tambem porque este mar occupa um espaço immenso.»

Prisciano é do seculo 6.º, segundo o testemunho de Cassiodoro. Na traducção que fez em verso de Dionizio, o *Periegeta*, mostrou que na sciencia cosmica e geographica não estava mais adiantado que os antigos ou contemporaneos. Segue a theoria da planura da terra, e oceano circumdante. Do Atlantico em particular, e de suas ilhas, só tinha as mais vagas e erroneas noções. «Perto do Promontorio sacro (*cabô de S. Vicente no Algarve*, escreve elle) ... estão as Hesperides, em que os iberos dominam.» No oceano septentrional põe duas outras ilhas: «as ... Britanicas em frente da embocadura do Rheno; depois Thulé onde noute e dia brilham os raios do sol.» N'isto se cifram todas as noções verdadeiras e falsas de parceria, que Prisciano, assim como o *Periegeta* que traduz, tinham do oceano, que crêem innavegavel pela sua immobilidade, e das terras occidentaes, fôra das costas de Africa e Europa.

(Continúa.)

JOSÉ DE TORRES.



ENSAIO DE UMA DISSERTAÇÃO HISTORICO-CRÍTICA SOBRE OS FACTOS MAIS CONTROVERSOS DA HISTORIA DO CONDE D. HENRIQUE, PRIMEIRO SOBERANO DE PORTUGAL, E TRONCO DA AUGUSTÍSSIMA CASA REINANTE.

## PRIMEIRO PONTO.

*De quem era filho?*

## VI.

«Não é apocrypho o MS. (assim responde o chronista Fr. Manuel de Figueiredo ao sabio D. Luiz de Salazar) por chamar conde a D. Raymundo, e dizer que o seu condado era além do rio Ararim. O auctor do MS. não disse que D. Raymundo foi conde soberano de Borgonha, que era só o caso em que fazia força o argumento, por lhe preferirem seus irmãos na ordem de nascer.» Daqui se vê que apenas fôr mostrado, que o conde D. Raymundo foi conde soberano da alta Borgonha, fará toda a força o argumento de Salazar, e ficará sendo insubsistente esse condado de *Amous* que se dá na *Arte de verificar as datas* ao conde D. Raymundo. Ora se este conde nos documentos do tempo do seu governo se qualifica a si proprio d'esta maneira: *Ego Raymundus Providentia Divina Burgundiae Comes*, e falla de seu pae o conde Guilherme, e dos condes Guilherme e Raynaldo seus predecessores; e, o que é ainda mais para notar, se o collecter Perard achou em uma escriptura o sello pendente d'este conde, em que se via um cavalleiro com a lança enristada, e com estas letras em roda *Sigillum Raymundi Comitis Burgundiae*, (1) como é possível, que este Raymundo, irmão de Hugo, terceiro do nome, e arcebispo de Besançon, seja considerado abaixo de seu irmão Estevão, e excluido da serie dos condes de Borgonha, para se lhe assignar um pequeno e obscuro condado *trans Ararim*? Pois que direi d'esse *Dux Burgundiorum*, (aqui entram umas brevissimas considerações geographicas) pois que direi d'esse *Dux Burgundiorum*, quando o titulo verdadeiro do duque Roberto era *Dux et rector inferioris Burgundiae*, visto que, ao passo que Roberto governava esta parte de Borgonha, havia na outra um soberano, que se intitulava *Burgundiorum rex* (2)? E que direi á evasiva do chronista Figueiredo, que para se livrar do argumento *ex Bisantinis partibus* nos dá a cidade de Besançon por metropole das duas Borgonhas, no que já se estribára para o mesmo intento o padre Antonio Pereira de Figueiredo (3)? Um dos primeiros cuidados dos exploradores d'estas antiguidades deve ser o terem abertos, e bem abertos os dous olhos, assim chamados, e mui justamente; quero dizer, a chronologia e a geographia; e para que esta nos desse auxilio na questão presente convinha examinar primeiro, qual era no seculo XI a divisão das Borgonhas, e se Besançon ficava no mesmo reino em que a cidade de Dijon; e achado que fosse estar Besançon em o reino de Borgonha, ou de Arles, e Dijon em uma parte do reino de França, ambos separados, e obedecendo a diversos soberanos, ficaríamos certos, de que o *Bi-*

*santinis partibus* só forçadamente se pode arrastar para Dijon, que muito embora diste de Besançon um só dia de jornada, porém ficava (e este é o ponto essencial) em reino diverso.

## VII.

Mas tudo isto, conforme os apaixonados do MS. do mosteiro de Fleury, se deve perdoar a um monge coetaneo, que fazendo talvez meramente para seu uso os apontamentos da historia do seu tempo, não curava de miudezas genealogicas e chronologicas, nem presumia, que os seus escriptos houvessem de ser o farol dos sabios, d'ahi a quatrocentos ou quinhentos annos; porém o caso é, que tratando-se de um ponto genealogico de maior importancia não basta o ser coetaneo, é preciso terem-se averiguado escrupulosamente as linhagens das familias, e que o auctor do MS. de Fleury, por se enunciar tão obscuramente, como já disse, mostrou desde logo, faltarem-lhe as outras qualidades essenciaes de um historiador, e não merece os creditos de juiz infallivel em taes materias: eu o provarei por dous factos, um antigo, outro moderno. E grande entre nós a auctoridade do livro de Noa, que não foi escripto em distancia de muitos annos depois do fallecimento do primeiro rei de Portugal: e que diz elle da genealogia da consorte do senhor D. Affonso Henriques? . . . Que era filha do conde D. Manrique de Lara; e o mais é, que o insigne genealogico D. Pedro, conde de Barcellos, abraçou esta opinião, que só foi desmentida quando appareceram os monumentos coevos, que lhe asseguram outra genealogia mui diversa. Não é menos curioso o facto moderno. Imprime-se em Lisboa uma collecção das Arvores de Costado das Familias Titulares d'este reino; e ao fazer-se menção da casa titular dos marqueses de Borba, introduzem-lhe como actual successor d'esta (a muitos respeitos) grande casa um Fernando de Sousa Coutinho, herdeiro que nunca existiu. (1) Ora o collecter é contemporaneo, pois a obra saiu impressa em 1829; e dado o caso que elle não chegue a emendar as por elle proprio chamadas *consideravimus in extitidões* (2) da primeira parte da sua obra, como se defenderão os vindouros de terem como certa e indubitavel esta successão masculina? Se isto succede a quem vive em Lisboa quanto mais poderia succeder a um pobre monge desviado do seculo, e entregue por estado a outro genero de considerações bem diferentes das que pede uma questão genealogica?

## VIII.

Tão convencido estava o primeiro divulgador da opinião, que tenho combatido, e espero desalojar, pelo menos, das suas mais fortes posições, que afim de tornar mais crível, ou verosimil o testemunho do monge de Fleury, amontoa provas sobre provas; e apesar de que estas já foram examinadas, e refutadas tão larga, como victoriosamente pelo sabio já citado, cumpre-me todavia fazer os meus leitores como arbitros do pezo, que ellas merecem. Já combati as provas tiradas do frivolo argumento de que, vista a pouca distancia, que ha de Besançon a Dijon era como indifferente para o caso o haver nascido em Besançon; porém as outras devem ter-se em conta de mui superiores no genero de fraqueza e inverosi-

(1) Vejam-se no fim d'este ensaio as provas numeros 1 e 2. E' tirada a primeira da collecção de Perard a pag. 198; a segunda do Spicilegio de Achery, segunda edição, tom. 3.º, pag. 417.

(2) Veja-se a citada collecção a pag. 177, 178 e 188.

(3) Figueiredo. Origem verdadeira do conde D. Henrique etc. pag. 24. — Pereira de Figueiredo. tomo 9.º da Historia e Memorias da Academia real das sciencias de Lisboa, pag. 273.

(1) Costados das Familias illustres de Portugal, Algarves, Ilhas e India. — Arvore 8.ª

(2) Na introdução do tomo 2.º, impresso em 1831.



milhança. Deixemos fallar o proprio Godofredo. Em terceiro logar (diz elle) Laonico Chalcondylas (que vivia pelos annos de 1460) refere nomeadamente em o livro 5.<sup>o</sup> da sua historia (porque assim o leu em algum historiador) que os reis de Portugal descendem da casa real de França: *Rex Portugalliae ortus est ex familia Galliae regum*. Se o douto Salazar e Castro desfez tudo isto, como de um sópro, fazendo vêr a distancia, que vaé do anno 1060, em que dizem ter nascido o conde D. Henrique, até 1460, eu seguirei outro caminho; e parecendo reforçar o argumento dos meus contrarios, d'ahi mesmo tirarei forças para mais facil e seguramente o destruir. Na passagem de Chalcondylas trata-se das allianças matrimoniaes dos reis castelhanos com as filhas, e proximas parentas dos reis de Portugal; e d'estes, que floresciaam no seculo XV, a saber, do senhor D. Duarte, ou do senhor D. Affonso V, é que o historiador grego affirma especialmente, e no singular, que descendem dos reis de França; e tão longe estava o auctor de subir até a pretensa origem dos nossos reis, que na edição parisiense de 1650 lhe por o editor á margem, como em addição ás palavras *Galliae Regum*, a palavra *Lutzbürgica*, (1) dando a entender, que a casa de Luxemburgo, e não a de Bourbon, era verdadeiramente a que déra origem aos nossos reis; porém eu consinto, que ás sobreditas palavras se dê toda a extensão e força, de que ellas fôrem susceptiveis; e confesso aos meus leitores, que uma historia coeva do nosso conde D. Henrique diz expressamente, que este conde *venia de sangue real de Francia*; mas quem dirá que para vir da casa real de França era condição *sine qua*, o ser bisneto de um rei de França? Para que elle viesse, ou descendesse da casa real de França era de sobejo, que elle pertencesse á casa de Borgonha Condado, ou á casa de Lorena; e por isso não triumphava, nem triumphará jámais a opinião, que a todo o custo o deseja metter na casa de Borgonha Ducado, pois quando assim fosse é bem natural que a um bisneto, sobrinho e primo dos reis de França coubesse outra melhor designação e qualificação, e que os historiadores se explicassem de outra maneira, isto é, dizendo francamente, que este principe era da familia real de França. A quarta prova é tal, que o meu silencio é mais uma graça especialissima, que se faz ao auctor, do que um formal desprezo; e sem que eu demore os meus leitores na quinta prova deduzida de que o nome Henrique era mais usual em França, do que em outra qualquer parte das Gallias (2), ou na sexta não menos extravagante, de que as armas dos principes de Portugal antes do senhor D. João I eram as *flôres de lis*, não os privarei de examinarem a setima, que vem a ser: « Em setimo logar os principes e os reis, que vem dominar em paiz estranho, costumam de bom grado servir-se, e adiantar com preferencia os seus naturaes e do paiz da sua origem, mais que os do paiz em que dominam; e por isso nós achámos que o proprio conde D. Henrique, e seu filho el-rei D. Affonso empregaram em Portugal, e deram commandos de tropas a um Giraldo, *sem pavor*, que foi causa de se tomar Evora aos mouros, e a um D. Egas Moniz, ou Hugo de Monains, que foi aio do sobredito rei D. Affonso; assim como deram o arcebispado de Braga a um Giraldo, e o bispado de Lisboa

(1) Livro 5.<sup>o</sup>, pag. 106.

(2) Até aos dias do nosso conde D. Henrique houve cinco imperadores d'este nome, que tambem dominaram em parte das Gallias; e se o chamado tio do conde D. Henrique se chamou Henrique I de França, não tardou pouco haver em França um segundo d'este nome, que só appareceu no mundo. quatrocentos annos depois do 1.<sup>o</sup>

a um Gilberto, que são nomes francezes muito usados então, e depois no ducado de Borgonha (3).» E sómente no ducado de Borgonha seriam usados estes nomes? Não haveria um só inglez, que se chamasse Gilberto. Oh! se havia, e por signal que foi inglez o primeiro bispo de Lisboa D. Gilberto. Embora D. Giraldo nascesse em França, porém na sua eleição para arcebispo de Braga influiu mais quem o mandou vir de França, isto é, o arcebispo de Toledo D. Bernardo, que o proprio conde D. Henrique; porém ferve-me todo o sangue ao vêr, que ha escriptor tão audaz, e pouco reflectido, que se abalança a querer esbulhar-nos de um dos nossos mais illustres e famigerados conterraneos, ou de Egas Moniz. Este modelo rarissimo de lealdade portugueza era portuguez, e natural da provincia do Minho. Descendia sim de D. Muninho Viegas, o *gasco*, nome este conservado em os nossos mais antigos *Nobiliarios*, e que parece mostrar, que este cavalheiro nascêra na Gasconha; mas que tem esta provincia, então ducado, e que por largos annos fez parte dos dominios da corôa de Inglaterra, com o ducado de Borgonha? Até geographicamente consideradas são bem diversas. Mas para que demoro eu os meus leitores, pode ser já inquietos, e desejosos de que eu proponha o meu sentir? Se os demoro, é sempre com os olhos fitos na utilidade da nossa causa, pois é de interesse commum, que as nossas antiguidades se colloquem outra vez no logar, que lhes pertence, e que tão indevidamente lhes foi roubado.

(Continúa.)

#### A POESIA E OS CAMPOS.

A POESIA nasceu dos campos, e por muito tempo só conheceu esse viver viçoso e perfumado. Veiu a fazer-se dama ambiciosa de mais refinadas delicias; assentou vivenda nas cidades, fez-se muito sabia, muito activa, muito maledica, muito contradictoria: ora impia, ora frivola, ora profunda, mas lá os seus campos nunca se lhe desluziram da lembrança. Em nenhuma parte a ouvirieis cantar combates, viagens, descobrimentos, artes, luxo, amores, ou desejos de melhor vida para além-mundo, que lhe não fugisse um olhar de saudade para o seu paraíso de flôres. A idade de ouro, que é a sua scisma continua, posta umas vezes no passado, outras no futuro; a idade de ouro (que Deus sabe se é tão fabulosa como cuidam, a não ser em relação ao seu titulo) que era ella, se não a *Arcadia*, o viver campestre, manso e regalado?

Livros dos mais antigos do mundo, os de Moysés e os de Homero, uns e outros mananciaes de poesia, não têm pagina que nos não espelhe uns reflexos das bemaventuranças patriarchal e heroica, que são tambem *Arcadia* com leves modificações.

#### CASTILHO. — FELIC. PELA AGRICULTURA.

Aquelles senhores cujas assignaturas terminam com o numero 26, queiram ter a bondade de as renovar com tempo, para não soffrerem interrupção na remessa. Os preços são os annunciados por diferentes vezes; isto é, por anno, ou 52 numeros, 18300 réis; por seis mezes ou 26 numeros, 700 réis; avulsamente, 30 réis cada numero.

(3) De l'origine des roys de Portugal etc. Paris 1613, pag. 15.